



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANDREZA SANTANA SILVA

**LAGOA SECA – PB: A CIDADE ENQUANTO UM MUSEU A CÉU ABERTO**

CAMPINA GRANDE – PB

2019

ANDREZA SANTANA SILVA

**LAGOA SECA – PB: A CIDADE ENQUANTO UM MUSEU A CÉU ABERTO**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado a Coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduanda em História.

**Área de concentração:** Cidade, memória e patrimônio.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. José Adilson Filho.

CAMPINA GRANDE – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Andreza Santana.  
Lagoa Seca - PB [manuscrito] : enquanto um Museu a Céu Aberto / Andreza Santana Silva. - 2019.  
59 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho, Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Cidade. 2. Patrimônio histórico. 3. Memória. 4. História local. I. Título

21. ed. CDD 907

ANDREZA SANTANA SILVA

**LAGOA SECA (PB): A CIDADE ENQUANTO UM MUSEU A CÉU ABERTO**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado a Coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduanda em História.

**Área de concentração:** Cidade, Memória e Patrimônio.

Aprovada em: 04/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**



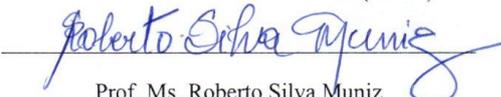
Prof. Dr. José Adilson Filho. (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Roberto Silva Muniz

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A toda minha família, amigos e aos meus amados futuros  
filhos, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Á Deus e Nossa Senhora tenho muito a agradecer pela força, coragem, fé e discernimento concebido para que pudesse chegar até aqui, dona Lenice Costa minha grande inspiração que me acolheu e acreditou em mim quando eu mesma já tinha perdido a fé.

Para além de Deus e sua multidão de anjos, santos e arcanjos agradeço a minha mãe, Francisca Eluseni Santana Silva e meu pai, José Adriano da Silva, que sempre me apoiaram ao longo de minha caminhada. Ao meu padrinho Amilton Silva Pinto que marcou a minha história a partir do momento em que me deu um nome e consequentemente uma identidade. Agradeço também aos meus colegas de caminhada Mikhaela Farias, antes crismanda hoje amiga e psicóloga particular, Fernanda Caroline, cuja amizade se iniciou no lugar mais improvável do mundo, dentro de um cartório, Silvania Galdino, que apesar do destino tentar nos separar o carinho e admiração que sinto por ela será eterna assim como a infinitude da noite, Aline Silva minha colega de sala de curso e amiga para a vida toda, Bruna Lima minha irmã de outra mãe que sempre se mostrou ser uma amiga prestativa, confiável e extremamente atenciosa.

Aos professores, José Pereira de Souza Junior, que me acolheu enquanto sua monitora no componente curricular História Antiga Ocidental, á professora Patrícia Cristina Aragão, á professora Socorro Cipriano que em um curto período de tempo me ensinou não só a reconhecer todas as formas de arte, mas, a amar cada uma delas das mais simples até as mais grandiosas, ao professor Roberto Muniz quem mesmo de forma inconsciente me fez mais forte. Grande parte de minha coragem e determinação para superar obstáculos e desafios devo a ele que durante um longo período de tempo, no decorrer de suas aulas, tentou me ensinar Teoria da História, apesar de que sempre senti uma dificuldade imensa em compreender tal disciplina. Ao professor Matusalém Alves, que com sua personalidade extrovertida me mostrou que ensinar história pode ser uma experiência fascinante e á professora Hilmaria Chavier que me ensinou a ter orgulho de mim mesma por ser mulher e de minha origem humilde, graças a ela hoje estou ciente de que ser pobre ou morar em um bairro periférico não é motivo de vergonha, mas de orgulho, pois, se hoje sou o que sou é graças a este lugar que me sinto honrada por chamá-lo de lar.

Á Thais de Oliveira Silva que atuou enquanto minha preceptora no período que atuei enquanto residente e a professora Lucinha que antes de me conhecer me

cedeu uma de suas turmas para que eu pudesse dar aula e adquirir a experiência necessária para aprender com base nos meus próprios erros e acertos.

Agradeço a toda minha família de maneira especial aos meus primos Anderson Silva Pinto, graças a ele pude adentrar no curso de licenciatura plena em história e como forma de agradecimento hoje estou prestes a concluir o mesmo mostrando assim que todos os seus esforços não foram em vão, á Guilherme Silva Pinto, minha tia Maria José Silva Pinto e Andrey meu pequeno primo que amo assim como uma mãe ama seu filho.

Gostaria de agradecer também a você que esta tirando um pouco de seu tempo precioso para ler e prestigiar o meu trabalho que apesar de simples foi feito com muito carinho, amor e dedicação.

Por fim e não menos importante agradeço a Gustavo Vinícius que nos momentos mais difícil sempre se fez presente me apoiando e afirmando que tudo iria dar certo, pois, segundo ele sempre fui capaz de realizar todos os meus sonhos. Ao meu colega e amigo, Mestre José Ednaldo que apesar de não ter diploma de mestrado ainda, ele sempre será o eterno Mestre Ed que me ensinou a ver o mundo e as pessoas por outra perspectiva, á minha amiga Raquel Silva Araújo cuja amizade pretendo levar até o fim dos meus dias, mais que uma simples colega de sala e profissão, ela se mostrou uma pessoa forte e corajosa de tal maneira que me fez admirá-la não pelo que ela tem, mas, pelo que ela. Ao meu orientador professor Drº José Adilson Filho que me acolheu enquanto sua orientanda mesmo estando ciente que eu não tinha tema definido para a elaboração deste trabalho além de não ter base ou noção alguma do que estava fazendo, foi nesse momento onde me encontrava imersa em dúvidas que ele surgiu no meu caminho e a sua maneira me guiou até aqui, serei eternamente grata a ele e todos que permaneceram ao meu lado.

## EPIGRAFE

A impossibilidade de usar tem o seu lugar tópico no Museu. A museificação do mundo é atualmente um dado de fato. Uma após outra, progressivamente, as potências espirituais que definiam a vida dos homens – a arte, a religião, a filosofia, a idéia de natureza, até mesmo apolítica – retiraram-se, uma a uma, docilmente, para o Museu. Museu não designa, nesse caso, um lugar ou um espaço físico determinado, mas a dimensão separada para a qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não é. O Museu pode coincidir, nesse sentido, com uma cidade inteira (...), com uma região (...), e até mesmo com um grupo de indivíduos (...). De forma mais geral, tudo hoje pode tornar-se Museu na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, desfazer experiência. (AGAMBEN, 2007, p. 73)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a cidade em sua totalidade como museu vivo a céu aberto e em constante estado de mutação, entre o final do século XX e início do XXI. Problematizando a cidade enquanto patrimônio histórico, analisando quais são seus lugares de memória juntamente com sua importância para a construção da cidade, enquanto espaço de sociabilidade produtora e reprodutora de história. Tendo seu olhar voltado a História Cultural, serão discutidos os aspectos culturais, simbólicos e arquitetônicos do ambiente urbano, usando como lócus para a realização desta pesquisa a cidade de Lagoa Seca – PB. Para fundamentar esta pesquisa foram utilizadas obras de Foucault (1979), Le Goff (1992), Bittencourt (1996), Holbwachs (1990), Kersten (1998), Nora (1993), Pesavento (2007), Pollak (1992), Santos (2007), Vieira (2017), Meneses (1996) e dentre outros/as autores/as que ajudaram a dar base e suporte a este trabalho. Visando apresentar a cidade enquanto um importante meio para a realização dos estudos históricos busca-se desmistificar a ideia de que a mesma se limita a seus espaços urbanos e que sua função se resume a servir como habitat do homem, que por falta de informação não a compreende enquanto parte fundamental na constituição de sua própria história.

**Palavras-Chave:** Cidade. Patrimônio histórico. Memória. História local.

## **ABSTRACT**

This work aims to present the city as a living and constantly changing open-air museum between the late 20th and early 21st centuries. Problematizing the city as a historical heritage, analyzing its places of memory together with its importance for the construction of the city, as a space of sociability producing and reproducing history. Having a look at Cultural History, the cultural, symbolic and architectural aspects of the urban environment will be discussed, using as locus for this research the city of Lagoa Seca - PB. Foucault (1979), Le Goff (1992), Bittencourt (1996), Holbwachs (1990), Kersten (1998), Nora (1993), Pesavento (2007), Pollak (1992), Santos were used to support this research. (2007), Vieira (2017), Meneses (1996) and among other authors who helped support and support this work. Aiming to present the city as an important means for the accomplishment of historical studies, we seek to demystify the idea that it is limited to its urban spaces and that its function is simply to serve as a habitat for man, which due to lack of information does not make it possible understands as a fundamental part in the constitution of its own history.

**Keywords:** City. Historical heritage. Memory. Local history.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Engenho Olho D'água .....	15
Figura 2 - Platibandas .....	33
Figura 3 – Edifício comercial .....	33
Figura 4 – Igreja Matriz Nossa Senhora Perpétuo do Socorro .....	37
Figura 5 – Convento Santo Antônio .....	39
Figura 6 – Museu do Índio.....	42
Figura 7 – Túmulo da família Cavalcante.....	44
Figura 8 – Áreas periféricas da necrópole.....	44
Figura 9 – Capela católica localizada no interior do Cemitério de Lagoa Seca .....	46
Figura 10 – Cruz a beira da estrada do Frei Agdaberto.....	50
Figura 11 – Prefeitura de Lagoa Seca - PB.....	51

## **LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS**

CEPAS	Centro Comunitário de Assistência Social
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PB	Paraíba
PPCM	Política de Patrimônio Cultural e Material

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I</b>	
CIDADE PATRIMÔNIO HISTÓRICO .....	14
1.1 A cidade e seus lugares de memória .....	21
<b>CAPÍTULO II</b>	
A CIDADE ENQUANTO UM MUSEU A CÉU ABERTO .....	26
2.1 A arquitetura da cidade .....	29
2.2 Platibandas: Um passado que insiste em resistir .....	31
<b>CAPÍTULO III</b>	
A CIDADE DE LAGOA SECA – PB ENQUANTO MUSEU .....	35
3.1 A relação Lagoa seca & Convento Santo Antônio (Ipuarana): duas histórias que se confundem .....	39
3.2 Cemitério: A morte como ritual de memória .....	43
3.3 Prefeitura Municipal: quando o moderno tenta sufocar o passado .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55

## INTRODUÇÃO

Dispondo da história cultural enquanto campo teórico, este trabalho encontra-se centrado em pesquisas voltadas ao estudo da cidade, memória, patrimônio e concepções museológicas. A presente pesquisa foi norteada a partir da problemática: De que modo a cidade e os aspectos que a compõe a enquadram na categoria de museu vivo, ao ar livre e em constante estado de mutação?

O presente trabalho encontra-se estruturado em três capítulos de modo que, o primeiro denominado: Cidade Patrimônio Histórico, tem como objetivo central apresentar as principais políticas preservacionistas de cunho internacional e nacional evidenciando em que contexto foram criadas e qual sua importância no que diz respeito ao trabalho de restauração e conservação do patrimônio histórico, cultural e social da sociedade, afinando esta visão ao que diz respeito ao ambiente urbano especificamente.

Pensando a cidade tal como um patrimônio histórico, são apresentadas políticas preservacionistas, que visam à preservação do espaço urbano enquanto ambiente composto por patrimônio histórico, cultural e social nas suas mais variadas formas. Partindo de discussões iniciadas na Grécia no ano de 1931, que marcaram a criação do primeiro documento internacional de caráter preservacionista, são problematizadas desde medidas de cunho internacional, Carta de Atenas de 1933, a lei de esfera nacional que tem como objetivo proteger a cidade enquanto patrimônio e conseqüentemente produtora e reprodutora de história.

Dentre os órgãos de defesa do patrimônio histórico nacional temos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) enquanto o de maior visibilidade que por meio de suas políticas, leis e estatutos criaram a Política de Patrimônio Cultural e Material (PPCM), que além de atuar enquanto importante instrumento no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, também tem entre suas funções a de classificar o que seriam lugares de memória.

Além de problematizar leis, decretos e sua importância, também são apresentados ao longo deste capítulo inicial o que seriam os lugares de memória e qual sua relevância no que diz respeito à construção da identidade social e individual do sujeito detentor e reprodutor de história e memória.

No capítulo denominado: A Cidade enquanto um Museu a Céu Aberto é justificado porque a cidade recebe tal classificação além do que ela é pensada para além de seus centros urbanos e símbolos do moderno. Ao longo deste capítulo é

problematizado a dualidade existente entre o passado, o presente e suas permanências.

Para além de suas características simbólicas e culturais a estética da cidade é problematizada, por meio do estudo centrado na sua arquitetura, que na contemporaneidade é marcada pela fluidez, instabilidades e permanências. Segundo Beguin (2007) o novo modelo de cidade imposto se preocupa com o mobiliário urbano para além do que está visível aos olhos, ou seja, o estudo das cidades é mais complexo que o simples olhar direcionado a ruas, edificações, becos e vielas, pois, a cidade é composta por espaços urbanos, rurais, formais, informais e sanitários (tubulações de água, gás e redes de esgoto).

Por fim dispomos do último capítulo: A cidade de Lagoa Seca- PB enquanto museu, neste a pesquisa se volta à história local. Usando a cidade de Lagoa Seca – PB, enquanto campo de pesquisa, ela é apresentada enquanto museu a céu aberto, para justificar tal classificação são apresentados seus lugares de memória que dão sentido a sua história e constituição enquanto cidade, seus principais marcos históricos e a história de suas origens.

A metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração deste trabalho está pautada em uma pesquisa de cunho exploratório e por ser um assunto pouco problematizado no meio acadêmico buscou-se apresentar a cidade e suas singularidades de maneira ressignificada a partir de uma visão totalmente nova que seria pensar a cidade enquanto um museu vivo a céu aberto entre o final do século XX e início do XXI. De acordo com Argan (1998) “Uma vez que nem tudo pode ser preservado, é preciso estabelecer o que deve ser preservado custe o que custar”.

Voltada para uma abordagem qualitativa, esta pesquisa não busca apontar números, tabelas ou dados estatísticos que visam à obtenção de resultados fixos e estáticos. Por meio da análise documental realizada a partir da utilização de obras de Foucault (1979), Le Goff (1992), Bittencourt (1996), Holbwachs (1990), Kersten (1998), Nora (1993), Pesavento (2007), Pollak (1992), Santos (2007), Vieira (2017), Meneses (1996) dentre outros/as autores/as e a utilização de fontes iconográficas que dão maior credibilidade a pesquisa fica claro de que modo a cidade para além de habitat natural do homem é também na mesma proporção um lugar de memória, história, identidade e patrimônio.

## CAPÍTULO I

### CIDADE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

*Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.*

*(Art. 216 – Constituição da República Federativa do Brasil)*

As discussões que giram em torno de ações preservacionistas iniciam-se por volta do século XIX, aproximadamente. Atualmente, os debates associados a este campo de pesquisa vem ganhando força desde a instauração da Política de Patrimônio Cultural e Material (PPCM) consolidada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), estabelecida por meio da Portaria nº 375 de 19 de setembro do ano de 2018. Visando realizar a construção coletiva dos instrumentos preservacionistas a PPCM, traz inúmeras inovações no que diz respeito ao processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, além de promover uma declaração de lugares de memória qualificando os mesmos e passando a reconhecer seus reais valores e significados simbólicos.

E o que seria o patrimônio se não mais um artefato construído pelo homem? Tendo como objetivo mostrar determinado fato marcante na história da sociedade, o processo de patrimonialização o sacraliza enquanto especial e único em meio à monotonia cotidiana. Envolto em uma complexa rede de significados, o patrimônio reforça laços comuns buscando salvar atos e ações humanas que se encontram a beira do esquecimento. Imortalizar memórias, este é o real poder e objetivo do patrimônio histórico.

Constituído com base no ponto de vista e interesse social os patrimônios históricos são compostos por bens intangíveis e tangíveis, figura 1, cujo atributo possibilita se referir a fatos que já aconteceram e marcou a história da sociedade, estes se mantêm presentes na realidade vivida ao ponto de fazer-se existir num presente fora de seu tempo.

A interdisciplinaridade presente no estudo patrimonial possibilita que áreas como História, Antropologia, Artes e Arquitetura realizem uma integração entre si, levando em consideração as características que mantêm em comum, possibilitando dessa forma o nascimento de uma nova área de saber que dentro deste contexto seria os estudos patrimoniais formado pela junção de igualdades que unem esses quatro saberes.

**Figura 1** – Engenho Olho D'água<sup>1</sup>



**Fonte:** Andreza Santana - 2019

Segundo Le Goff (1992), todo monumento é produto de escolhas e produto da memória, enquadrando-se na categoria de patrimônio histórico e como está ligado a ideia de personificação da produção humana, mediante este fato o processo de evolução do homem pode ser contemplado através de manifestações artísticas, culturais e sociais. Kersten (1998, p. 18) define o termo patrimônio histórico com base no conceito gerido na Europa, ao afirmar que:

na Europa a partir da segunda metade do século XIX, de onde difundiu-se progressivamente. A Revolução Industrial emprestou a esse conceito uma abrangência universal. Enquanto um processo irreversível, a industrialização,

<sup>1</sup>Localizado no município de Alagoa Nova – PB próximo a zona urbana. As ruínas do Engenho Olho D'Água se enquadram na categoria de patrimônio tangível e atualmente se encontram sob a responsabilidade da prefeitura local, todavia, apesar de ser um importante ponto turístico e histórico da cidade, este se encontra em péssimo estado de conservação como pode ser observado na imagem. No período de seu apogeu sua produção era centrada na fabricação de água ardente e rapadura cuja matéria prima principal para sua confecção era a cana-de-açúcar.

com seu constante movimento transformador, tornou necessário guardar o passado que se esvaia rapidamente. (KERSTEN,1998, p. 18)

Complementando a noção de monumento, o patrimônio histórico surge a partir de um processo de seleção cuja função é evocar o passado. Ainda dentro do mesmo contexto, Le Goff (1992) afirma que o monumento tem a capacidade de impor o futuro por parte das sociedades antigas que visam apresentar às próximas gerações a imagem de si previamente construída.

Dissociar os estudos que dizem respeito à preservação do dito patrimônio histórico e a busca pela construção da identidade nacional não é uma tarefa possível, ao ponto que ambos se mantêm ligados com o objetivo de manter viva não só a identidade cultural de um povo, como toda sua história, que vai do âmbito individual se expandindo até o coletivo. Para que o PPCM tenha seus objetivos concretizados, os tombamentos ainda se fazem presentes ao longo do processo de preservação, conservação e valorização do patrimônio histórico. Por meio desse processo o bem, lugar, cultura ou espaço ganha visibilidade, respeito e a devida importância não só por parte dos órgãos governamentais, como também da população leiga, dessa forma o processo se dá de maneira eficaz em certa medida.

Para que o tombamento seja realizado leva-se em consideração desde o valor histórico, artístico, documental até o sentimental. A união desses quatro fatores torna possível o processo de tombamento, levando em consideração que o valor artístico tem como base avaliativa as expressões estéticas, culturais e características do Estado envolvido no processo.

Indo em controvérsia com o significado literal e concreto do termo tomar, o ato de tombamento histórico tem sua função voltada à exaltação, registro e meio de conservação. Habitual no Brasil a mais de 80 anos o termo tombamento só passa a ser usado em solo nacional com o significado que hoje estamos habituados após a instauração do decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que impõe a partir de então, a proteção de todo patrimônio histórico e artístico presente em território nacional. Entrar no Livro do Tombo proporciona ao bem tombado adentrar em uma nova categoria que vai além de sua função original até então estabelecida, pois, deixa de ser um bem móvel ou imóvel, tangível ou não, para entrar em esfera do sagrado.

Criado na Grécia no ano de 1931, o primeiro documento internacional de caráter preservacionista classifica os monumentos enquanto fundamentais para a eficácia do trabalho de patrimonialização histórica. Interessados em expandir os

trabalhos voltados para a área de preservação do patrimônio, os participantes deste congresso queriam proteger não só monumentos, mas também edificações e centros urbanos. Pensar a cidade enquanto patrimônio pareceu um projeto extremamente ambicioso, se for considerado o fato de que o mesmo foi idealizado durante os anos 30, entretanto, foi por meio deste que a cidade ganha novos valores ao ponto que suas características e fisionomias passam a ser respeitadas enquanto parte de sua identidade.

Com a promulgação da Carta de Atenas no ano de 1933, as discussões voltadas para a conservação e proteção das áreas urbanas ganham força, toda via ao mesmo tempo em que isto acontece surge à preocupação de: como lidar com o problema ligado ao crescimento urbano desregrado? Impedir o crescimento da metrópole não é uma opção, desta maneira surge como uma solução viável a resolução do problema, enquadrar a cidade enquanto grande documento ou testemunho histórico sujeito a mudanças e influências constantes. Ou seja, as cidades neste momento passam a serem entendidas como um grande texto repleto de signos e significados que vão além do que pode ser perceptivo aos olhos e assim como um texto é composto por letras e palavras assim é a cidade, composta por seus bairros, ruas, becos e vielas.

Enquanto texto a cidade é um script repleto de interpretações que são escritos e reescritos sistematicamente conforme o tempo passa, pois, ao mesmo tempo em que dá vida aos fatos e acontecimentos também os apaga e reprime.

Vivendo a cidade em sua totalidade patrimonial, durante o IV Congresso Internacional de arquitetura moderna (CIAM) ocorrido em 1933, seus idealizadores já se preocupavam com problemas relacionados ao desenvolvimento urbano acreditando desde então que fatores políticos, sociais e econômicos além do arquitetônico poderiam influenciar diretamente no destino da cidade de maneira que histórias seriam soterradas pelo tempo. Assim como edificações são comumente construídas umas sobre as outras pelo simples fato de que o novo atualmente é sinônimo do moderno, o que está sendo diariamente destruído muitas vezes se caracteriza como um importante marco de nossa própria identidade.

O principal problema incluso nas medidas preservacionistas impostas durante a Carta de Atenas de 1933 está vigente no processo seletivo do que deve ou não ser tombado enquanto patrimônio histórico, artístico ou cultural.

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade e a que ninguém pode escapar: ela está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (FOUCAULT, 1979)

Pensando o poder enquanto uma rede de relações, podemos refletir que essas relações não surgem unicamente no ato preservacionista enquanto escolhas institucionais e políticas, mas, o simples ato de se posicionar a favor ou contra determinadas escolhas (o que deve ser preservado ou não) aponta formas de relações de poder, pois no momento em que minha forma de resistir passa a influenciar o meio social ao meu redor, torna-se uma forma de poder, pois minha escolha deixa de ser individual e passa ao âmbito coletivo, deixando de ser interior para se externar influenciando tanto as pessoas a minha volta como toda uma realidade social, fato este que caracteriza o que Foucault descreve como um ateia de relações de poder.

Segundo Moreno, Christofolletti<sup>2</sup>(2014, p.186)“Os registros materiais e sua preservação sofrem influências de diversos agentes públicos e privados ao longo de sua prospecção, escavação e catalogação”. Isto é, é de fundamental importância compreender o real valor e significado de toda forma de registro material com o objetivo de entendê-los enquanto meios de conservação da memória coletiva e fontes históricas, entretanto é importante estar ciente de que tais registros foram sujeitos a um processo de seleção subordinado a intencionalidades.

Antes de ser vista como patrimônio a cidade e o meio urbano enquadravam-se na categoria de monumento. Essa percepção só mudou após o início da “Reforma Urbana de Paris” idealizada por Haussman, por meio desta o ambiente urbano passa a existir regido por políticas higienistas que não se restringiram ao território Frances, mas tomaram proporções globais. Através das reformas urbanas exigidas pelas novas regras higienistas a cidade ganha novo significado de tal forma que após o século XIX documentos de caráter cartográfico, cujo objetivo é acompanhar o crescimento e mudanças ocorridas no ambiente urbano, ganham espaço no meio documental e arquivista, pois, antes que isso ocorresse às cidades praticamente não possuíam registros de caráter oficial que disponibilizassem

---

<sup>2</sup> MORENO, Patrícia Ferreira. CHISTOFOLETTI, Rodrigo. **Museu a Céu aberto: Discussão sobre fruição, patrimônio e artes** . P.180- 190.

informações sobre a história de sua origem, desenvolvimento e declínio em alguns casos.

Tomando ciência da importância do ambiente urbano, o século XXI está marcado pela nova era das políticas preservacionistas e de seleção de maneira que para que haja a preservação se faz necessário o processo de seleção que tem a função de estabelecer o valor do bem submetido a tombamento. O real valor do bem a ser tombado, dentro do contexto preservacionista estabelecido pelo IPHAN, não se encontra no seu valor físico ou estético, mas na identidade que o grupo lhe confere como assim o descreve Meneses (1996).

Antes do século XIX leis de caráter preservacionista já existiam apesar de serem escassas e não terem a capacidade de elevar à cidade a categoria de patrimônio como aconteceu séculos depois. Caminhando a lentos passos, as políticas visando à valorização das cidades passam a realizar-se no Brasil a partir dos anos 30 tendo como exemplo a homologação do decreto lei nº 22.298, de junho de 1933 que caracteriza a cidade de Ouro Preto enquanto Monumento Nacional, pois, segundo a justificativa que deu sustentação ao estabelecimento deste decreto:

A cidade de Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais, foi palco de acontecimentos de alto relevo histórico na formação da nossa nacionalidade e que possui velhos monumentos, edifícios e templos de arquitetura colonial, verdadeiras obras de arte, que merecem defesa e conservação. (BRASIL, 1933)

Buscando construir uma identidade nacional, inúmeras outras cidades além de Ouro Preto foram elevadas a categoria de Monumento Nacional como foi o caso de Olinda – PE (1980) e Oeiras – PI (1989). Segundo Pereira (2016, p.44) “A cidade concebida como monumento consistia na supervalorização do componente estético, era a cidade concebida enquanto obra de arte, resultando em um descaso aos seus componentes sociais e econômicos.” Dentro deste contexto, onde a cidade passa a ser vista como Monumento evoluindo posteriormente a categoria de Patrimônio, elas passam a serem encaradas como grandes obras de arte ao ar livre.

Iniciado por meio do decreto-lei 25 de 1937 o IPHAN, criação do governo de Getúlio Vargas, surge como o órgão capaz de classificar cidades de todo Brasil enquanto Patrimônio Nacional, ou, Monumento Nacional como ocorreu com Ouro Preto em 1933. O objetivo do IPHAN inicialmente não era proteger o patrimônio cultural brasileiro em si, a tarefa desse órgão ia além, pois visava à construção da identidade nacional. Composto na sua fundação por intelectuais e arquitetos

modernistas o principal critério estabelecido pelo IPHAN para a seleção de bens a serem tombados estava centrado em seu valor estético de modo que seu valor histórico permanecia em segundo plano nesse processo de seleção.

Por volta de 1970, os estudos voltados para cidade-patrimônio ganham força, pois, o acervo documental acerca de cidades, desenvolvido desde 1933, torna-se abundantes ao ponto que o valor patrimonial da cidade ganha visibilidade e valorização por parte dos órgãos governamentais de tal forma que a cidade antes tida como habitat natural do homem passa a ser considerada também como ponto turístico assemelhando seu valor e significado aos museus que são visitados diariamente em todos os lugares do mundo.

O período que vai entre os anos de 1981 a 2000 ficou marcado por importantes mudanças no que diz respeito às políticas de tombamento direcionadas especificamente a cidade-patrimônio, a partir deste momento o processo de seleção passa a centrar-se nos valores histórico do bem, além disso, a cidade evolui da categoria patrimônio e passa a fazer parte da mesma forma a classificação de documento histórico. Estar inserida nesta nova categoria documental significa que a cidade passa a informar detalhes de sua ocupação territorial como também os valores, signos e significados presentes nesse espaço produzido pelo homem.

Além de ser palco de grandes acontecimentos a cidade representa um marco de conquista, por meio dele dá para evidenciar de que maneira o homem e a natureza coabitam o mesmo espaço.

Por volta de 1990, todas as políticas preservacionistas criadas a partir da instauração do IPHAN entram em um estado de retrocesso de tal maneira que nos anos 90 a cidade passa a viver uma realidade voltada para o capital e lucro, ou seja, o cultural e os valores históricos só são levados em consideração dentro desta realidade se levar a obtenção e geração de lucros. Com isso a cidade passa por mais uma mudança de categoria sendo descrita a partir de então como Cidade-atração como assim a nomeia Sant'Anna (2004).

Segundo dados disponibilizados pelo IPHAN, o número de cidades-patrimônio aumentou significativamente nos últimos anos (século XXI), outro dado que merece considerável destaque é que após enfrentar uma crise de identidade presente em todo território nacional os recursos financeiros disponibilizados para o IPHAN cresceram de tal forma que com este aumento de verbas o IPHAN, no século XXI, amplia suas ações preservacionistas beneficiando de forma especial as cidades-patrimônio que a partir desde momento ganham um maior espaço no meio

preservacionista, a cidade não é só estudada e observada, ela passa a ser contemplada, decifrada e preservada enquanto um documento em constante fluidez capaz de contar a história do desenvolvimento humano.

### **1.1 A cidade e seus lugares de memória**

Sendo um ponto de ancoragem de memória, ambiente produtor e reprodutor de história a cidade é um lugar marcado por transformações constantes que além de modernizá-la acabam por colaborar para a destruição da memória social como aponta Carlos (2001). Equivalente a um banco de dados biológico, a perda da memória pode acarretar inúmeras consequências negativas para o viver em sociedade de modo que um de seus malefícios já se faz presente na sociedade contemporânea por meio da perda ou ruptura da identidade.

Inserido em um campo de saber interdisciplinar, o estudo da memória abarca desde estudos ligados a psicologia, biologia e até mesmo ciências humanas e sociais. Segundo Pierre Janet (1889) a memória para além destes campos do saber chega a adquirir função social por ser um produto da sociedade que tem linguagem própria e capacidade de expandir-se deixando de ser intangível para tornar-se tangível por meio da escrita. Ofertados ao homem como instrumento de memorização, marcação e registros os documentos escritos se caracterizam como forma evolutiva da memória que se encontra intimamente ligada ao desenvolvimento urbano e social.

Sabendo que a identidade é um processo de igualdades e diferenças em constante estado de mutação, ela é dividida em duas categorias iniciais que seriam: identidade individual, que aproxima e ou distancia indivíduos de seus pares, e identidade coletiva, separa os indivíduos com particularidades e semelhanças em subgrupos ligados por interesses semelhantes sejam por fatores psicológicos, biológicos ou sociais.

Identidade coletiva também é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em um determinado espaço geográfico, entre indivíduos e ou grupos que organizam sua vida cotidiana desenvolvendo atividades semelhantes, a partir de um conjunto de valores compartilhados. (BATISTA, 2002, p.34)

Surgindo como instrumento de legitimidade as memórias compartilhadas pelo grupo e constituídas pelos eles são transmitidas de geração em geração de modo

que tem a capacidade de criar a realidade vivida como aponta Berger & Luckmann (1983), além de constituir parte fundamental do que entendemos por identidade.

Apesar de serem fabricadas e inventadas pelo homem, as identidades são fundamentadas em dados reais e objetivos como assim as descreve Pesavento (2007), tem a capacidade de reconhecer traços, signos e significados do passado. O valor da identidade se encontra no fato da mesma ser uma construção da imagem que a pessoa constrói a respeito de si mesma ao longo do tempo e por meio dela a memória se instaura enquanto sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo segundo Pollak (1992).

Enquanto habitantes que integram o espaço urbano temos a falsa sensação de que o mudamos e ressignificamos constantemente de tal forma que a metrópole enquanto produto feito pelo homem se faz existir enquanto parte do todo, porém é necessário compreender que da mesma maneira que os centros urbanos são influenciados por nossa presença também estamos sendo mutuamente influenciados por eles de modo que segundo Canevacci (1993) a metrópole estaria em nós.

Toda cidade portadora de valor identitário se desenvolve a partir de seu centro que, dentro deste contexto, surge como lugar de origem onde tudo começou e se mantém concentrados os principais marcos históricos de uma cidade.

Uma vez que nem tudo pode ser conservado, é preciso estabelecer o que deve ser preservado custe o que custar. Além disso, deve-se levar em conta que a condição de sobrevivência dos núcleos antigos remanescentes é determinada pela solução urbanística geral e pelos critérios com que se disciplina, em torno do chamado núcleo histórico, o desastroso *periekon* das periferias urbanas. (Argan, 1998, p.77)

Apesar de representarem o coração urbano assim definido por Pesavento (2007), os centros são os primeiros a sofrerem as consequências do processo de revitalização e desgaste físico consequente do passar do tempo, essas mudanças além de apagarem memórias presentes no espaço ressignificam a sua função original enquanto ambiente de sociabilidade e trocas de cunho cultural, social e econômico.

A cidade enquanto lugar de memória é composta por signos, rupturas e transformações, nela o presente tenta engolir o passado de tal forma que segundo Carlos (2001, p.11), “o que existe e o que se impõe como novo está na base das transformações da metrópole”. Entender a cidade como um lugar de memória é

percebe – lá a partir de duas vertentes, a cidade visível e a cidade oculta onde a história de suas origens se mantém beirando o esquecimento que parece inevitável.

A liquidez símbolo da contemporaneidade influencia a centralidade urbana negativamente ao ponto que, reféns do esquecimento, desvalorização e perda constante de seu sentido histórico e cultural os centros tendem a serem cada vez menos habitados para tornarem-se espaços de consumo marcados pela geração do lucro e capital.

Para além do esquecimento que se dá de forma natural pela ação do tempo, a contemporaneidade precisa lidar com os chamados *Senhores da memória e do esquecimento*, que seriam os psicólogos e psicanalistas, que buscando tratar problemas psicológicos desencadeados por traumas passaram a manipular memórias individuais, induzindo o indivíduo ao esquecimento e ou recordação quando necessário. Sabendo que a memória coletiva é composta pelo conjunto de memórias individuais, ela é prejudicada diretamente pelo processo de manipulação da memória individual de tal forma que o processo de fragmentação da memória e da identidade entrou em um frenético processo de aceleração desenfreada.

Pensando por um viés histórico, o processo de esquecer ou lembrar nada tem de natural de modo que, este fato está intimamente ligada a uma teia de relações de poder de tal forma que, dentro de uma sociedade marcada pela desigualdade social e onde aqueles detentores de maior poder aquisitivo e social é quem normalmente escreve a história e dita o que é digno de ser lembrado ou não, criando assim o que chamamos de história dos vencedores ou dos heróis cujos sujeitos de classe média baixa ou média não passam de meros coadjuvantes nessa história onde os operários, pedreiros, donas de casa, garis, feirantes e presidiários são esquecidos.

Compreender a memória da cidade requer mais que o simples ato de observação, pois, o relatar boatos e lembranças pessoais são fontes fundamentais neste processo de construção, o historiador dedica-se não só em reconstruir o passado por meio dos rastros e fragmentos, todavia ele busca dentro do ambiente urbano decifrar o que permanece encoberto nas entrelinhas do tempo e da história.

Longe de ser uma sociedade da memória, a cidade contemporânea desritualizada tem necessidade de um amparo externo que de alusão tangível de uma existência que só por meio da memória podemos ter contato como aponta Nora (1993). Os lugares de memória surgem como necessários, pois ao contrário da história que nada mais é que uma reconstrução, a memória é um fenômeno em constante evolução e sendo as cidades lugares de memória por excelência elas

sempre se mantém atuais e se alimentam de vagas lembranças do grupo que as compõe.

Restos, assim são entendidos os lugares de memória que preservam memórias e possibilitam o indivíduo a ter acesso a um processo de identificação. Para Nora (1993), a inexistência de memórias é um dos fatores que levaram o ser humano a criarem os lugares de memória que rodeados por uma aura ritualística são um misto de história e memória onde a essência do homem é expressa e lembranças são ressuscitadas. Nesses lugares o indivíduo tem a chance de reconstruir e ou reencontrar sua identidade perdida assim como suas memórias fragmentadas.

Nos lugares de memória de uma cidade, museus, monumentos, cemitérios, placas de paredes, praças, igrejas, feiras, centro urbano, bibliotecas, edificações, lugares simbólicos, comemorações, aniversários, emblemas e associações, as pessoas têm acesso às memórias de suas origens são nesses espaços que elas se reconhecem enquanto sujeitos históricos. Segundo Nora (1993, p.17-18) os lugares de memória: “obrigam cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente”.

Criado a partir do decreto 3551/2000, o Livro de Registros dos Lugares registrava em seu interior mercados, feiras, santuários, praças e espaços onde eram reproduzidas práticas sociais e coletivas. Dessa maneira “A inscrição num dos livros de registros terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade Brasileira”.<sup>3</sup>

Na medida em que a memória se esvai nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis e invisíveis do que se foi, como se este dossiê profético devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história. Esta memória do vivido que está em todos os lugares se equipara a um espelho capaz de mostrar o reflexo de nós mesmos por meio do passado.

Toda memória é construída, só se opera a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas possam incessantemente desses para aquele e

---

<sup>3</sup> DECRETO 3551/2000. Artigo 1, 2º parágrafo.

reciprocamente, o que só é possível se fizermos e continuamos a fazer parte de uma mesma sociedade. (TORRÃO FILHO, 2004, p.131)

Segundo Halbwachs (1990), há tantas memórias quantos grupos existentes, entretanto, a compreensão de ambas só é possível através da produção de um conjunto de sentidos existentes por meio da relação entre o homem e o lugar. Intimamente ligados, ambos permanecem em constante dissonância em questões temporais, pois, o tempo de vida das relações sociais e das transformações urbanas se dá de maneiras diferentes, ou seja, vão-se os atores e o cenário permanece o mesmo durante um longo tempo. Mesmo a contemporaneidade estando marcada pela fluidez e a inconstância não é como comparar o tempo da vida humana com o tempo de vida da metrópole de modo que comparada a ela não passamos de uma mera gota de água no oceano do tempo que é a temporalidade urbana.

Para além dos lugares de memória, a cidade também comporta objetos de memória que em sua grande maioria estão guardados em arquivos públicos, privados e ou familiares. Dentre tantos objetos de memória como, moedas comemorativas, emblemas, medalhas, troféus, cadernos, bilhetas e cartas, a fotografia mais especificamente os “álbuns de família” são importantes instrumentos de perpetuação da memória individual e coletiva de modo que Pierre Bourdieu chega a afirmar:

O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos de sua unidade passada ou, o que é equivalente porque retém de seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais confiança e seja mais edificante que um álbum de família. (BOURDIEU, 1965, p.53-54)

Sendo a memória humana instável e maleável os lugares de memória assim como seus objetos surgem como um meio viável de perpetuação da memória do grupo de maneira que para além de servir como instrumento de rememoração a memória “procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” como assim bem a define (Le Goff, 2003, p. 471).

## CAPÍTULO II

### A CIDADE ENQUANTO UM MUSEU A CÉU ABERTO

A visão de museu enquanto “lugares de amostra ou contemplação” que vigorava até meados do século XX quando os mesmos eram entendidos enquanto destino final das obras de arte do passado vem mudando ao longo dos anos de forma que a concepção museológica tradicionalmente impregnada no meio social vem ganhando novos valores e significados de tal forma que segundo Cartaxo (2009, p.1) “a cidade com sua dinâmica se converte num reflexo do mundo e o artista, atento a isto, utiliza-a como meio de reflexo das relações entre sujeito e a realidade”.

A arte que antes tinha seu espaço restrito a pequenas edificações até então nomeadas de museu na contemporaneidade ganhou novo espaço e significados manifestando-se tanto em espaços fechados como nos abertos. Não só a arte ganhou um novo lugar no mundo contemporâneo como também a noção de museu renasce enquanto espaço ressignificado e aberto as novas possibilidades como assim bem o descreve o filósofo Agamben:

A impossibilidade de usar tem o seu lugar típico no Museu. A museificação do mundo é atualmente um dado de fato. Uma após outra, progressivamente, as potências espirituais que definiam a vida dos homens – a arte, a religião, a filosofia, a idéia de natureza, até mesmo apolítica – retiraram-se, uma a uma, docilmente, para o Museu. Museu não designa, nesse caso, um lugar ou um espaço físico determinado, mas a dimensão separada para a qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não é. O Museu pode coincidir, nesse sentido, com uma cidade inteira (...), com uma região (...), e até mesmo com um grupo de indivíduos (...). De forma mais geral, tudo hoje pode tornar-se Museu na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, desfazer experiência. (AGAMBEN, 2007, p. 73)

Entendendo o mundo como um grande museu a céu aberto assim como Agamben o descreve, pensar a cidade enquanto um museu a céu aberto está intimamente ligado ao ato inicial de entender que cidade não é só um espaço preenchido por prédios, casas, asfalto, calçamento e longas ruas, a cidade representa todo território que a compõe desde o campo, até as grandes metrópoles e centros urbanos.

Compreende-la desta forma possibilita tanto para o meio historiográfico quanto leigo entrar em um processo de valorização dos estudos patrimoniais e artísticos em todo território nacional. O conceito de “museu a céu aberto” já existe desde o final do século XIX, concebido pelos escandinavos, entretanto poucas foram às pesquisas voltadas para a maneira como esses espaços museológicos são apreendidos pelas pessoas no meio popular. Segundo Moreno e Christofolletti (2014)<sup>4</sup> entender essa questão de como as pessoas entendem esses ambientes é um ponto primordial para o não esquecimento total desse espaço e dos bem contidos em seu entorno.

Assim como os museus tradicionais a cidade é um espaço de memória onde passado e presente coabita o mesmo espaço, todavia, enquanto as instituições museológicas selecionam suas obras levando em consideração seu valor artístico, cultural, econômico e político a cidade percebida como museu a céu aberto tem valor inestimável de modo que as obras de arte que ela abriga vão desde monumentos a instituições cuja história de suas origens está diretamente ligada à memória do grupo que a compõe.

Segundo Oliveira (2009), um acervo de arte contemporâneo expõe a trajetória de políticas patrimoniais e artísticas de uma arte que está em constante mutação, seguindo este mesmo raciocínio temos a cidade que em frequente estado de mutação tem seus monumentos, documentos, patrimônios e “acervos” visitados, modificados e ignorados diariamente. O real valor da cidade enquanto museu a céu aberto encontra-se na carga emocional e de memória presente nos seus espaços que para além de abrigar seus habitantes guarda em cada esquina de suas ruas fragmentos de memórias individuais que juntas constituem a memória do grupo e consequentemente a história.

Apresentar os principais aspectos da sociedade que faz parte, é isto que a aparência visual da cidade desperta naqueles que optam por observá-la como um espaço histórico repleto de lembranças. Poulot (2003, p.35) aponta que em um museu o objeto só tem seu caráter patrimonial reconhecido quando normalmente é “transferido de lugar, desclassificado, reclassificado, glosado, reconstruído”. Indo em contrapartida ao pensamento de Poulot, temos a cidade enquanto museu a céu aberto, que para adquirir tal classificação e reconhecimento não precisa ser deslocada de seu espaço habitual, glosada ou reconstruída, a requalificação é o

---

<sup>4</sup>MORENO, Patrícia Ferreira. CRISTOFOLETTI, Rodrigo. *Museu a Céu aberto: Discussão sobre fruição, patrimônio e artes*, VI Simpósio de História Cultural – UFPI, 2012.

único processo que ela precisa ser submetida para que seu real valor seja reconhecido.

Diferentemente dos museus tradicionais que tem necessidade de selecionar artistas e suas obras ou feitos para representá-la, no museu a céu aberto as mudanças e permanências são suas principais atrações de modo que, por meio delas a história do homem é contada. Pensar o museu para além de uma instituição pública ou privada possibilita uma reflexão que não se limita a obra ou artista, mas que pensa todo contexto geral construtor da dinâmica do grupo produtor e reproduzidor de memórias capazes de construir a história. Compreender a cidade enquanto um museu a céu aberto estaria ligado a pensá-la como uma grande obra de arte cujos artistas são seus habitantes.

Para Vieira (2017, p.141) museificar um espaço ou objeto estaria ligado a um processo que: “ressignifica o produto humano atribuindo-lhe um novo estatuto”, por meio deste, narrativas históricas podem ser criadas e o passado ganha sentido e significado social, cultural e memorialístico. Os museus ou “Templo das Musas” como assim os chamam Bittencourt (1996) são lugares de memórias que para além de manifestações colecionistas, eles abarcam grande quantidade de informações expostas ao público onde as suas trocas ocorrem de forma natural e cotidiana.

Associados a ideia de consolidação dos estados nacionais segundo Vieira (2017), os museus modernos se caracterizam por estarem centrados na busca constante por uma continuidade histórica que seriam desta maneira espécies de raízes capazes de recuperar a identidade do grupo. Além de agregar vestígios históricos em seu espaço os museus cultuam, homenageiam e enaltecem o passado, passado este previamente selecionado e carregado de intencionalidades políticas, sociais e econômicas.

As relações de poder discutidas por Foucault (1979) não só se fazem presente no meio preservacionista como são as bases principais que delimitam quem é digno de ser preservado ou não. Foucault entende o poder enquanto grande rede de relações que coage e disciplina o indivíduo a sua maneira. O problema desta grande rede de poder é que simultaneamente ela tanto disciplina aqueles envolvidos em seu meio como impõe diferenciação social extremista fazendo coexistir no mesmo espaço o dominado e o dominante. O pensamento de Foucault ao discutir as relações de poder no meio social incluindo assim as discussões que dizem respeito aos museus e meio preservacionista afirma que:

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade e a que ninguém pode escapar: ela está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (FOUCAULT, 1979)

Pensando o poder enquanto uma rede de relações, podemos refletir que essas relações não surgem unicamente no ato preservacionista enquanto escolhas institucionais e políticas, mas, também nas inúmeras formas de resistências realizadas por historiadores que além de construir discursos travam uma batalha infinita contra o esquecimento. O simples ato de se posicionar a favor ou contra determinadas escolhas (o que deve ser preservado ou não) aponta formas de relações de poder, pois a partir do momento em que minha forma de resistir passa a influenciar o meio social ao meu redor torna-se um meio de poder.

## **2.1 A arquitetura da cidade**

A arquitetura da cidade está repleta de signos e significados mostrando além de suas formas e cores seus valores e principalmente sua história. Rompendo com os padrões já pré-estabelecidos as cidades vivem sob o signo da arquitetura moderna, então marco da modernidade, toda via, em hipótese alguma isso significa que os demasiados marcos arquitetônicos que um dia marcaram a história das cidades foi esquecido ou “superado”.

Com a chegada da Família Real em 1808, as cidades brasileiras passaram por grandes transformações desde a estrutura de suas ruas até a arquitetura de seus prédios. Foi nesse período que as cidades tiveram seu primeiro contato com a arquitetura Neogótica surgida na França durante a Idade Média, entretanto os tempos neogóticos no Brasil não perduram e por volta de 1850, após a morte de Grandjean de Montigny<sup>5</sup>, seu principal representante em solo nacional, esse estilo arquitetônico foi perdendo força e entre 1903-1906, os centros urbanos brasileiros passam por uma nova transformação, estas mudanças possibilitaram a propagação de múltiplos estilos arquitetônicos pelo país.

Equivalente a um grande formigueiro humano, a cidade e sua arquitetura estão em constante estado de mutação, entretanto, nada tão significativo quanto às mudanças ocorridas por volta do século XIX quando toda dinâmica, arquitetura e

---

<sup>5</sup>Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny foi um arquiteto Frances que exerceu considerável influência na arquitetura brasileira por volta do século XIX.

espaço urbano foi totalmente modificado com a instauração das políticas higienistas que visando a melhorar o aspecto habitacional e social da cidade acabou dividindo a cidade em *cidade informal* e *cidade formal*.

Ao contrário da cidade formal que se organizava de acordo com as políticas higienistas e sociais impostas pelo sistema, à cidade informal beirava a ilegalidade de modo que suas habitações por falta de recursos eram construídas em lugares inadequados sem mínimas condições para a habitação humana, ou seja, a mesma política higienística que veio com o objetivo de melhorar a vida nas cidades diminuindo os surtos epidêmicos e conseqüentemente a taxa de mortalidade acabou dificultando ainda mais a vida dos cidadãos pertencentes as classe mais pobre.

O novo modelo de cidade centrado no mobiliário urbano invisível citado por Beguin (2007) tinha como objetivo modernizar o ambiente urbano de modo que as principais mudanças propostas por ele não eram expostas ao campo visual de seus habitantes, pois ao invés de novas edificações serem construídas e aquelas já existentes serem preservadas, foram criadas redes de esgoto, tubulações que levassem água potável e gás aos moradores da cidade visando facilitar a vida no espaço urbano e melhorando conseqüentemente sua salubridade.

Representação do moderno a cidade que em tempos medievais coexistia com a natureza hoje (século XXI) a explora, invade e destrói apesar de permanecer em infinito estado de dependência com o campo como assim aponta Brescaiani citado por Smith e Voltaire. Mesmo a contemporaneidade estando imersa em um estado de liquidez como afirma Bauman (2007), o espaço urbano é igualmente marcado por suas permanências que servem como pontos de referências da cidade. Os significados dos lugares e espaços urbanos mudam, entretanto, seu estado físico permanece vivo mesmo que ressignificado culturalmente.

Dentre os tantos espaços de permanências de uma cidade temos suas ruas, que criadas inicialmente de maneira quase que aleatória tem seu surgimento ligado a expansão do espaço urbano de tal forma que em tempos modernos as ruas que surgiram há séculos atrás permanecem existindo de forma planejada e modificada visando melhorar a mobilidade urbana, toda via,deforma algum deixaram de ser ruas, compostas por becos, vielas e esquinas.

Existindo desde os primórdios das cidades, os muros que um dia já foram sinônimos de poder e separaram nações como assim o fez a Muralha da China, hoje tem seu significado ligado à segurança, todavia, em uma sociedade amedrontada

pela insegurança e aumento constante da criminalidade urbana, os mesmos muros que “protegem” aprisionam milhares de pessoas dentro de seus lares diariamente.

Na década de 1980, Benedito Lima de Toledo compara a cidade de São Paulo com um palimpsesto<sup>6</sup>, Toledo (1983, Toledo, p.77) chega a descreve lá como “imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber uma nova, de qualidade inferior, no geral”. Expandindo o olhar de Toledo para uma esfera global toda cidade pode ser comparada a um pergaminho de modo que o passado no espaço urbano não é destruído ou esquecido é sobreposto e ressignificado de tal maneira que na mesma velocidade em que prédios e casas novas são construídos os tidos como “velhos” são remodelados e reconfigurados nunca deixando de ser um prédio ou edifício, mas, mudando sua função social ou institucional, ou seja, o prédio que hoje comporta um hospital daqui a dez anos pode facilmente tornar-se sede de um hotel ou edifício comercial.

A capacidade de adequação da cidade é apresentada no modelo de adição hercúlea de Rossetti e Ferreira citada por Argan (1998, p.74) que aponta que “a cidade da Renascença se acrescenta á da Idade Média através de um sistema de nexos que não reflete uma vontade de contraposição, mas de desenvolvimento.” Todavia, a ruptura de continuidade presente no meio urbano traz como consequência á concentração de historicidade nos núcleos, ou seja, nas áreas centrais da cidade onde se encontram as construções mais antigas que apesar de históricas encontram-se imersas em uma sociedade anti-histórica onde identidades são perdidas como poeira jogada ao vento.

## **2.2 Platibandas: Um passado que insiste em resistir**

As platibandas características do estilo gótico que teve seu apogeu durante a Baixa Idade Média (século X e XV) tinham entre suas funções expressar o status social da casa ou instituição que representava além do que segundo Caldas (2006, p.4), elas se caracterizavam enquanto “a parte mais alta da fachada, as platibandas tinham a função de esconder o telhado e as calhas, evitar o lançamento de águas pluviais nas ruas e, mais que isso, ornamentar as casas do centro da cidade”.

---

<sup>6</sup>“O palimpsesto era um pergaminho cuja escrita era raspada para reaproveitamento por outro texto. Porém a raspagem efetuada não conseguia apagar todos os caracteres precedentes, que por vezes ainda ficavam visíveis e apresentavam dessa forma sucessivas escritas superpostas, possibilitando uma recuperação dos textos anteriores”. (MORCELI. 2015, p.33)

Para além de seu valor estético as platibandas no Brasil por volta do século XIX chegaram a tornar-se componente obrigatório nas construções urbanísticas em algumas cidades brasileiras, o objetivo central dos órgãos governamentais, ao tomar essa medida por meio da postura número 35, foi segundo Caldas (2006, p. 3) criar “leis que indicavam os parâmetros estéticos que deveriam ser implantados, especialmente, no perímetro urbano.” Ou seja, padronizar o modelo arquitetônico da cidade de tal modo que seguisse o modelo estético e visual das cidades portuguesas, importante meio de inspiração da sociedade brasileira na época.

Ligadas ao caráter social e econômico as platibandas também expressava de modo majestoso o status social de seu dono de tal maneira que espalhadas por inúmeras localidades do globo as platibandas existem nas suas mais variadas formas, cores e valores como podemos observar na figura 2, todavia, atualmente as platibandas além de estarem em péssimo estado de conservação como podemos observar na figura 3, também estão sendo copiadas de forma nova, rústicas ou modernas, enquanto réplicas perfeitas das originais chegam a dificultar em alguns casos a diferenciação entre quais seriam as platibandas originais e as recriadas pelo homem em um presente fora de seu tempo.

Exibindo brasões, datações, figuras geométricas ou animais as platibandas são uma categoria de arte ainda difundida pelo território nacional, todavia, poucos são os que estão cientes de sua existência ou real valor estético e funcional dificultando assim a conservação e preservação das mesmas em seu estado original.

Em gesso, azulejos, cimento ou metal como vem sendo construídas na atualidade, as platibandas antigas no Brasil, em sua grande maioria, encontram-se em péssimo estado de conservação de tal modo que, por falta de manutenção, fundamentais para o prolongamento de sua vida útil estão desaparecendo cotidianamente não só pelas mãos do homem, mas pela ação do tempo.

**Figura 2 - Platibandas**

**Fonte:** RUMO AO SUL. Disponível em: <<https://rumoaonossosul.blogspot.com/2019/11/platibanda-162478.html>> Acesso novembro de 2019.

Ao passo que a cidade cresce, símbolos de seu passado se mantêm a mostra como é caso das platibandas que se fizeram presente em inúmeras casas que marcaram a história das cidades brasileiras. Para além de sua função estética as platibandas expõem em seu centro o ano cuja casa ou edificação foi construída como pode ser observado na figura 3, que expõe um edifício comercial localizado em área central da cidade de Alagoa Nova – PB, sua platibanda não só mostra o ano que o prédio foi construído, 1925, como também expressam todo um valor artístico e escultural característico do estilo arquitetônico gótico cujas platibandas fazem parte.

**Figura 3 – Edifício comercial**

**Fonte:** Andreza Santana -2019.

Muito comuns em igrejas do medievo tiveram seu significado reescrito de modo que na contemporaneidade são comumente usadas em edifícios comerciais ou residenciais com o objetivo de esconder a antiga função do imóvel ou assim com outdoors servir como meio de divulgação do comércio que está instaurado.

Apresentando-se enquanto símbolos de resistência, as platibandas fazem parte de um passado que a muito já deixou de existir, entretanto, ao invés de se perderem com o passar do tempo tiveram seu significado e função primordial reescrita garantindo dessa forma a sua sobrevivência em pleno século XXI, todavia é importante enfatizar também que para além de existir as platibandas se fazem útil e necessária em um mundo marcado pela fluidez e instabilidade.

### CAPÍTULO III

#### A CIDADE DE LAGOA SECA – PB ENQUANTO MUSEU

O território hoje ocupado pela cidade de Lagoa Seca – PB localizada no brejo paraibano, antigo distrito de Campina Grande – PB, pertencia a um aldeamento indígena dos Bultrins. Para que seu desenvolvimento obtivesse sucesso este pequeno vilarejo, sofreu forte influência da comercialização de algodão de Campina Grande – PB e do desenvolvimento econômico da cidade de Areia.

Antes de tornar-se cidade, Lagoa Seca, foi aldeamento indígena, distrito e vila, já teve o nome de Tarimba cuja referência foi derivada de um famoso açougue chamado tarimba cujo dono era um morador local chamado Cícero Faustino. A nomenclatura Lagoa da Gata surgiu a partir da história de uma gata que apareceu morta em uma lagoa que nunca enchia só acumulava grande quantidade de lama. Após ser chamada de Lagoa da Gata a cidade recebeu o nome de Floresta dos Leões, pois a maior parte do território que compunha a cidade era composta por uma grande floresta (matagal). Após ser elevada a categoria de vila em 15 de novembro de 1938 recebeu o nome de Ipuarana. O nome de origem Tupi-guarani IPU significa lagoa e ARANA seca, apesar de Ipuarana ter o mesmo significado de Lagoa seca o nome não foi bem recebido pela população ao ponto que posteriormente a cidade recebeu o nome de Lagoa seca que perdura até os dias de hoje.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o nome Lagoa Seca foi derivado de um coronel chamado Vila Seca supostamente ele seria um antigo morador da cidade, entretanto a ligação deste coronel com a cidade nunca foi comprovada de modo que segundo moradores locais a origem do nome está ligado à mesma lagoa onde foi encontrada a gata morta, o fato desta lagoa não acumular água mesmo em períodos chuvosos levou os tropeiros que passavam por esta localidade a chama lá de Lagoa Seca, nome este que ficou popular e ganhou o agrado de toda população local.

Lagoa Seca foi distrito de Campina Grande e dependia da mesma economicamente para se manter, todavia, apesar da segurança financeira oferecida por Campina Grande, Santos (2007) em seu estudo aponta que a cidade não conseguia se desenvolver e poucas eram as obras públicas realizadas de modo que as poucas obras realizadas foram patrocinadas pelos irmãos Maristas ou frades Franciscanos majoritariamente.

Este pequeno povoado de economia agrícola, só consegue elevar-se a categoria de cidade no ano de 1964, por meio da lei nº 3.133. Esperando ver seu crescimento o governador Moreno Gondin lançou o projeto de lei nº 3.133 que propunha emancipar Lagoa Seca de Campina Grande - PB, o projeto lei foi aprovado, todavia totalmente rejeitado pela maioria da população local e após sua instalação, Lagoa Seca enquanto cidade sofreu inúmeros problemas econômicos e sociais, entretanto no ano de 1964, eleva-se oficialmente a categoria de cidade.

Desvincular a constituição deste município da presença dos frades Franciscanos e irmãos Marista não é algo possível, pois ambas as instituições religiosas para além de suas atividades de cunho espiritual realizaram inúmeras obras que foram de fundamental importância para o efetivo desenvolvimento da cidade. Chegando à cidade entre os anos de 1939 e 1940 aproximadamente, os franciscanos desde sua chegada realizavam atividades comunitárias visando catequizar e ajudar a população carente local. Dentre as inúmeras obras feitas pelos franciscanos na cidade o cemitério municipal pode ser declarado como uma das principais, pois sua construção só aconteceu graças aos esforços do Irmão Frei Manfredo.

A primeira instituição escolar aberta da cidade começou a funcionar no ano de 1930 no sítio Floriano, apesar de estar em pleno funcionamento à escola estava mal localizada impossibilitando que a maioria da população local tivesse acesso a escolaridade, a partir daí os franciscanos surgem mais uma vez com uma válvula de escape para solucionar de forma provisória esse problema oferecendo mesmo que de forma improvisada noções básicas de alfabetização a população carente.

Assim como os frades Franciscanos os irmãos Marista também buscavam catequizar a população local, mas, o que chama atenção na presença desses religiosos na cidade de Lagoa Seca foram suas atividades comunitárias e de cunho social. Chegando a localidade no ano de 1950, alguns anos após a chegada dos Franciscanos, os irmãos Marista construíram inúmeras ruas como foi o caso da Rua da União hoje localizada em área central, e a Igreja Matriz da cidade (Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), ilustrada por meio da figura 4, inaugurada no dia 15 de agosto de 1954.

**Figura 4** – Igreja Matriz Nossa Senhora Perpétuo do Socorro



**Fonte:** Andreza Santana- 2019

Para além de suas atividades paroquiais a Igreja Matriz, figura 4, antes da chegada do primeiro hospital separou parte de suas instalações para a instauração de um Centro Comunitário de Assistência Social (CEPAS), uma espécie de ambulatório improvisado que atendia doentes (pacientes) que não estivessem em estados graves chegando a realizar partos se necessário. Atualmente (2019) o CEPAS ainda existe, entretanto, o espaço que antes serviu como ambulatório hoje é usado para a realização de reuniões e encontros religiosos.

Enquanto museu a céu aberto, os lugares de memória que dão sentido ao desenvolvimento de Lagoa Seca enquanto cidade e criam suas narrativas históricas são múltiplos. Restringindo-me a expor os ambientes da cidade que considero principais entre os tantos espaços museológicos da cidade me detendo a apresentar o Convento Santo Antônio, igreja matriz, Sítio arqueológico Furna do Amaragi, prédio da prefeitura, Gruta da Virgem dos Pobres, cemitério municipal e a cruz a beira á estrada do frei Agdaberto.

Localizada no centro da cidade a Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é símbolo do poder e influência que os irmãos Marista tinham sob Lagoa Seca antes mesmo de sua fundação enquanto cidade. A igreja matriz, figura 4, além de ter sido idealizada por um irmão marista a mesma também representou, mesmo

que de maneira simples e precária, o primeiro ambulatório da cidade criado de maneira improvisada para a realização de primeiros socorros a população carente da localidade que não podia contar com serviços hospitalares a menos que se deslocassem para a cidade mais próxima, Campina Grande. Vale salientar que neste período, década de 50, sair de Lagoa Seca para Campina Grande não era uma tarefa tão fácil como atualmente se considerarmos as péssimas condições dos transportes públicos oferecidos e as condições da estrada que ligava as duas cidades. A estrada não era pavimentada o que tornava a viagem longa, cansativa e perigosa.

Para além das memórias locais que conta a história do povo de Lagoa Seca, a cidade também é berço de memórias pré-históricas que além de contar a história de sua população conta a história das origens do próprio homem. Localizado no distrito do Amaragi o Sítio arqueológico Furna do Amaragi contém gravuras rupestres em suas formações rochosas, todavia, apesar de todo seu valor histórico este espaço encontra-se em péssimo estado de conservação de modo que suas inscrições rupestres vêm se perdendo tanto pelo desgaste natural do tempo quanto pela falta de medidas preservacionista direcionadas a este espaço.

Dentre os inúmeros lugares de memória presentes por toda cidade a popularmente conhecida Gruta da Virgem dos Pobres ou Nossa Senhora de Banneux como é mundialmente conhecida, que está localizada as margens da BR 104 na zona urbana da cidade, próxima ao Convento Santo Antônio e de frente ao Marista. Este espaço é tanto um marco da influência religiosa na cidade como também é envolto em toda uma aura mística que torna o mesmo um espaço de adoração considerado como espaço sagrado pela população local e os fieis que vem de todas as partes do Brasil e em alguns casos até do exterior.

Apesar de sua estrutura simples e modesta, a gruta da virgem é visitada diariamente de modo que as pessoas acendem velas, realizam orações, fazem preces, deixam ofertas as almas dos acidentados, deixam flores, amarram fitas na no portão que protege a virgem e vem agradecer por preces alcançadas. Por tradição local o dia que marca a chegada da santa a cidade, ano de 1958, é considerado feriado municipal, dia 22 de outubro, e nesta data é rezada um missa campal em comemoração á este dia, celebração esta que reúne cidadãos locais e alguns que vem das cidades circo vizinhas.

### 3.1 A relação Lagoa seca & Convento Santo Antônio (Ipuarana): duas histórias que se confundem

A desvinculação da chegada dos frades franciscanos em Lagoa Seca e a sua constituição enquanto cidade, que se deu oficialmente no ano de 1964, é uma tarefa quase que impossível se for levado em consideração á tamanha influência desses religiosos para o desenvolvimento desse espaço urbano desde seu aspecto social, cultural e arquitetônico. Sendo a primeira instituição religiosa de grande porte instalada nesta cidade, o Convento Santo Antônio ou Ipuarana, figura 5, atuou para além de suas tarefas religiosas ao ponto que chegaram a oferecer e ainda oferece apoio espiritual, social e cultural a toda população carente local.

**Figura 5** – Convento Santo Antônio



**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

Para além de uma simples instituição religiosa o convento também é o principal atrativo turístico da cidade de tal modo que chega a atrair visitantes de todos os lugares do Brasil e do mundo em algumas ocasiões.

O Convento disponibiliza aos seus visitantes serviços de hotelaria possibilitando assim um maior aproveitamento de todo seu espaço como um todo, que, diga – se de passagem, é grandioso de tal forma que tem entre suas instalações: jardins, capelas, auditórios, bibliotecas, arquivos privados, hortas,

dormitórios, imensos corredores cujo fim parece interminável, salões de festa, museu, um ossuário, campo, refeitório, inúmeras salas que em seu tempo de colégio funcionavam como salas de aula, enfermarias, a torre do sino e a famosa floresta do convento que condiz com um espaço rural localizado por trás do prédio principal, esse território abriga áreas para a o cultivo agrícola e criação animal, enfim o espaço é tão grande e diverso dessa floresta que possibilita que seus visitantes façam trilhas guiadas nesse local caso assim desejem.

Fundado no ano de 1940, o Convento Santo Antônio tem sua arquitetura marcada por suas enormes janelas e portas em formato de arcos circulares para além das formas geométricas que compõe sua arquitetura evidenciando em sua estética visual um designe abstrato e luxuoso, característica marcante da Art Déco<sup>7</sup>.

Por estarem em constante contato direto com o povo das suas mais variadas escalas sociais, os franciscanos mais que os próprios governantes e lideranças locais, estavam cientes das principais mazelas que afligia a população mais humilde e a sua maneira buscavam solucionar estes problemas decorrentes da má distribuição de renda e dentre outros fatores que punham este povo as margens da linha da extrema pobreza.

Geração de emprego, turismo, desestagnação do comércio local, geração de renda, apoio psicológico e espiritual, estes foram alguns dos benefícios oferecidos á Lagoa Seca após a chegada dos franciscanos em seu território. A influência dessa irmandade sob a população é tamanha que a cidade é composta majoritariamente por católicos e ainda segundo Santos (2017):

Á medida em que o Colégio crescia, o distrito de Lagoa Seca também crescia. Assim, percebe-se que essa construção empregou muitas pessoas, principalmente do próprio distrito de Lagoa Seca. Toda a construção foi custeada pelas arrecadações feitas nas missões pelos franciscanos no Nordeste brasileiro. Houve também verba dos Estados Unidos, através de frei Sebastião Evers, que lá residia. (SANTOS, 2017, p.65)

Por ser uma instituição cuja suas instalações físicas alcançam dimensões grandiosas, para que se mantenha funcionando plenamente se faz necessário um

---

<sup>7</sup> “O termo art déco, de origem francesa (abreviação de arts décoratifs), refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas (design, mobiliário, decoração etc.) e arquitetura no entre guerras europeu. O marco em que o "estilo anos 20" passa a ser pensado e nomeado é a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925. O art déco liga-se na origem ao art nouveau. Derivado da tradição de arte aplicada que remete à Inglaterra e ao Arts and Crafts Movement, o art nouveau explora as linhas sinuosas e assimétricas tendo como motivos fundamentais as formas vegetais e os ornamentos florais. O padrão decorativo art déco segue outra direção: predominam as linhas retas ou circulares estilizadas, as formas geométricas e o design abstrato.” (ART Déco, 2019)

esforço que ia para além do trabalho dos frades sendo assim, assim que abriram suas portas, inicialmente como um colégio seminarista, o convento realizou a contratação de um número considerável de empregados que desempenhariam as mais variadas funções que iriam desde a realização de simples atividades domésticas até a de jardineiros.

Mesmo precisando de funcionários em caráter emergencial para dar seguimento à manutenção das atividades diárias ocorridas na instituição, à irmandade franciscana dava prioridade à contratação de empregados locais, mesmo estando cientes que os mesmos não tinham o mínimo de preparação necessária para a execução de certas tarefas, os religiosos insistia em ajudar estas pessoas oferecendo formação e preparo para que a permanência no cargo oferecido acontecesse. O objetivo dos religiosos ia mais além da contratação de trabalhadores para a realização de atividades que estavam para além de suas funções, contratando indivíduos locais lhes davam a oportunidade em muitos casos de tirar o trabalhador emprego da linha de extrema pobreza cujo mesmo se encontrava.

Por atuar inicialmente enquanto colégio seminarista formando religiosos, o convento passa a receber jovens alunos que vinham de todo Brasil para escutar nesse colégio que funcionava em sistema de internato. Para além de meros alunos seminaristas, esses alunos também influenciaram positivamente a economia local de modo que sempre que saiam do convento para a compra de produtos de consumo de caráter individual os mesmos deixavam de ser percebidos enquanto meros noviços para serem vistos como fregueses em potencial.

O que acontecia na cidade antes da chegada dos franciscanos era que, composta por uma população de maioria pobre e desfavorecida a economia local girava em torno de atividades agrícolas que apesar de garantir o sustento diário das famílias não gerava lucro, pois, as pessoas não só produziam se próprio alimento como se mostravam auto-suficientes até certo ponto, o lado negativo de tanta auto-suficiência está no fato de que: como a maioria das pessoas vivia do campo e vendiam nas feiras da cidade e de Campina seus excedentes existiam muitos vendedores e clientes insuficientes para tamanha oferta de mercadoria.É de fundamental importância enfatizar que além de gerar empregos até os dias de hoje o convento tem entre suas instalações o único museu da cidade, Museu do Índio, Figura 6.

**Figura 6** – Museu do Índio

**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

Apesar de comportar dentro de suas instalações o único museu da cidade, mostrando assim por parte dos religiosos uma preocupação de manter viva e preservada registros que contém um pouco da história local é importante enfatizar que apesar de todo seu valor histórico, cultural, estético e social este espaço encontra-se boa parte do tempo de portas fechadas por falta de funcionários adequados trabalhando e que garantam seu pleno e efetivo funcionamento.

Assim como pode ser observado na imagem acima apresentada que foi tirada em um dia útil da semana e em horário comercial, o Museu do Índio se encontra na maior parte do tempo, fechado, de modo que só é aberto á visitação em caso de agendamento prévio impossibilitando deste modo que o mesmo seja entendido pela população local em seu entorno como um espaço dinâmico ou de lazer envolto em uma atmosfera de história e memórias.

Dentre as obras, monumentos, patrimônios e documentos expostos no Museu do Índio, ele é composto majoritariamente por símbolos e insígnias indígenas e isso se d  por que antes de tornar-se cidade o território correspondente a Lagoa Seca era ocupado por uma tribo indígena chamada Bultrins. É importante enfatizar que mesmo estando quase todo tempo de portas fechadas a população local, carente de consciência histórica e preservacionista, em sua grande maioria, não chega a incomodar-se ou se questionar sobre o fato do único museu da cidade estar fechado. A situação alarmante de tão forma que os cidadãos mais jovens, que

compõe parte significativa do total populacional da cidade, desconhecem a existência desse espaço ou quando conhece em muitos casos não chegam a ter ciência do fato de que o mesmo encontra-se fechado na maior parte de seu tempo.

### **3.2 Cemitério: A morte como ritual de memória**

Sabendo que na conjuntura atual os cemitérios são compreendidos enquanto lugares imersos em uma atmosfera sombria, pensar a cidade enquanto um museu a céu aberto está intimamente ligado a tarefa de resignificar a imagem previamente construída do que os mesmos seriam. Dentro deste contexto os ambientes cemiteriais deixam de ser vistos enquanto depósito de ossos, última morada, ambiente repleto por lembranças traumáticas e envolto a um auto índice de bactérias e miasmas decorrente do odor emitido pelos corpos em constante estado de decomposição, para serem apreciados como “A cidade dos mortos” como assim os descrevem Petruski (2006).

Pensando os cemitérios enquanto uma complexa cidade fechada bem delimitada, cuidadosamente repartida e controlada, Lima (1994) percebe a similitude existente entre a estrutura da cidade e dos cemitérios que a compõe, assim como no ambiente urbano a necrópole é composta por ruas, avenidas, becos e vielas de modo que nesses espaços a luta de classe também se faz presentes de tal modo que o cemitério é dividido da seguinte forma: nas áreas centrais e bem localizadas se encontram os túmulos das famílias privilegiadas e com considerável poder aquisitivo como podemos ver na figura 7 que apresenta o túmulo da família Cavalcante localizado em área central da necrópole próximo ao portão principal no Cemitério Municipal de Lagoa Seca. Nos espaços mais afastados, com pouca visibilidade e mínimas condições de infra-estrutura aos fundos da necrópole estão os ossuários e covas simples de chão, como pode ser claramente observado na figura 8 que expõe a simplicidade desses ambientes no Cemitério Municipal de Lagoa Seca, correspondente as famílias locais mais humildes que não tem condições de investir na construção de um túmulo mais vistoso e estruturado.

**Figura 7** – Túmulo da família Cavalcante

**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

**Figura 8** – Áreas periféricas da necrópole

**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

Pensando por este viés, no cemitério existe o que poderiam ser chamadas de “áreas nobres” e “zonas periféricas”, pouco visitadas em muitos casos e receptora de menos atenção que as áreas centrais. Equivalente a museus:

Os jazigos constituem artefatos datáveis com precisão, já que nas lápides tumulares ficam em geral impressos as datas de nascimento e falecimento dos indivíduos que ali foram enterrados. Essas datas, salvo em casos de traslados, como ocorre com os ossários, por exemplo, ou em casos de reformas posteriores, coincidem em geral com a época do sepultamento. (LIMA, 1994, p,88)

Assim como ocorre nos museus, os monumentos, patrimônios e documentos presentes na necrópole são classificados, nomeados e datados. E o que seriam os monumentos e patrimônios históricos no cemitério? As lápides, túmulos e jazigos como bem os definem Lima (1994), neles estão presentes os nomes do sujeito ou sujeitos ali sepultados e com base no seu nome pode-se ter noção de que família o mesmo fazia parte. Usando como fonte de análise a data de nascimento do indivíduo exposta em seu túmulo pode-se facilmente saber em que contexto social o mesmo nasceu e com base no ano de seu falecimento em que contexto histórico foi a óbito. Para além dos nomes e datas um objeto de análise fundamentalmente importante é a arquitetura da lápide pelo fato de que, com base na mesma pode-se definir a classe social que o indivíduo ali sepultado fazia parte em vida.

O cemitério municipal da cidade de Lagoa Seca – PB, para além de um importante símbolo da influência da irmandade franciscana, que ao se deparar com os problemas de ordem sanitária dessa comunidade extremamente carente, em seus primórdios, tomou a iniciativa de efetuar a construção do hoje conhecido Cemitério municipal da cidade. Sem contar com o apoio governamental a irmandade franciscana por meio de verbas próprias e doações conseguiu efetuar a construção da necrópole que na conjuntura da época representou um importante símbolo do desenvolvimento urbano daquele pequeno vilarejo.

A sua maneira o espaço cemiterial também representa um avultado lugar de memória e registros históricos de modo que, por meio dos dados inseridos em cada lápide difusa em seu espaço se torna possível a construção da história e identidade da sociedade cujo mesmo está imerso.

Neste ambiente composto por memórias de cunho individual, coletiva e social, inúmeras crenças coabitam o mesmo espaço a sua maneira e os status sociais daqueles que jazem neste lugar são evidenciados de tal forma que facilmente consegue-se diferenciar o túmulo de um indivíduo que em vida dispunha de considerável poder aquisitivo e daqueles que foram humildes financeiramente e desprovidos de qualquer poder ou privilegio social. Considerando o valor real presente em toda sepultura Lima (1994, p.90) aponta que “Em cada sepultura há números e datas que individualizam os mortos, permitindo a sua imediata classificação e localização, tanto no espaço quanto na escala social”.

Enquanto grandes museus ao ar livre o cemitério possibilita aqueles que os visitam um contato direto com a história de suas origens de forma única e singular de tal modo que dentro de um cemitério as lapides tumulares são similares a casas, os mortos jazidos em cada cova, sepultura ou ossuário representam parte significativa da história de determinada família.

Assim como nas cidades tem igrejas na maioria dos cemitérios tradicionais á pequenas capelas, no caso do cemitério municipal de Lagoa Seca, de crença católica, tem se uma pequena capela em seu interior expressando o fato de que assim como ocorreu por volta do século XIX quando, igreja e necrópole ainda se mantêm ligadas diretamente ambas nunca chegaram a se desconectarem efetivamente.

A necrópole não foi só solo sagrado no período que existiu dentro dos muros das igrejas, ela ainda é e permanecera sendo, enquanto a fé a cultura popular permitir. Sendo assim a capela, figura 9, presente comumente nesses lugares

representam nada mais que a influência religiosa nesses espaços onde o sagrado e o profano facilmente se confundem.

**Figura 9** – Capela católica localizada no interior do Cemitério de Lagoa Seca



**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

Por ser categorizado desde seus primórdios como solo sagrado, tem-se a falsa ilusão de que o cemitério é o berço de uma arte meramente sacra repleta por anjos, santos, arcanjos e símbolos de caráter religioso, todavia, nestes espaços onde o sagrado e o divino habitam o profano se faz existir de forma discreta, quase que imperceptível ou clara e escancarada clamando desesperadamente por um minuto de nossa atenção como pode ser observado em algumas esculturas cemiteriais produzidas pelo escultor paulista Alfredo Oliani (1906-1988)<sup>8</sup>. Tendo Oliani explorando o erotismo enquanto tema central de sua obra *Último Adeus*, Carneiro (2018) acredita que:

<sup>8</sup> Escultor paulista filho de mãe brasileira e pai italiano, suas obras sofrem influência da arte italiana e isso se dá provavelmente pelo fato de que o mesmo tem sangue italiano correndo em suas veias. Alfredo Oliani frequentou o ateliê de Nicola Rollo (1889-1970), recebeu honras no I Salão de Belas Artes de São Paulo, foi professor de modelagem na Escola de Belas Artes de São Paulo e dentre suas principais obras se destacam: *O Último Adeus* (1945), *Triste Separação* (1948) e *Via Dolorosa* (1957).

O uso do erotismo é para o autor o combate à finitude, é a continuidade, não obstante a morte. É o que a obra de Oliani expressa. Parece não ser somente uma representação do êxtase do amor, da profundidade da paixão do casal, mas também de saudade. Mais uma vez, a morte é um problema para os vivos. São os vivos que enfrentam a dor da separação e da perda, e devem conviver com a saudade dilacerante. (CARNEIRO, 2018, p. 57)

Ao passo que se configuram como espaços museológicos a necrópole é berço de inúmeras manifestações artísticas. Hoje chamadas de arte tumular ou cemiterial, para além de seu caráter sacro, muitas obras expostas são de cunho totalmente profano como é o caso de algumas esculturas cujo tema central é a arte expressa por meio do erotismo que problematiza o real valor do nu humano. Apesar de ser uma temática pouco debatida no meio social a arte tumular já se faz presente em solo brasileiro de tal forma que um importante referencial nacional especializado nessa categoria artística seria Alfredo Oliani. Segundo Comunali (2013) o surgimento da arte tumular se dá:

Com o fim dos enterramentos dentro das igrejas e o surgimento dos cemitérios extramuros, uma nova forma de arte começa a ser disseminada: a tumular. Os responsáveis por essa arte, sem dúvida foram os imigrantes italianos que trouxeram o seu ofício para a cidade. A utilização de técnicas artesanais e um catálogo de esculturas que poderiam ser reproduzidas de acordo com a vontade do cliente, fizeram com a arte tumular florescesse dentro cemitérios. (COMUNALI, 2013, p.8)

Arte dos “esquecidos”, durante muito tempo assim se caracterizou a arte cemiterial de modo que, em busca da liberdade necessária para expressar sua verdadeira arte muitos foram os artistas que encontraram no cemitério liberdade para sonhar e expor sua arte na certeza de que no isolamento e solidão da necrópole sua ela ganharia forma. Considerados solo sagrado desde sua fundação, ter uma obra inserida dentro da necrópole durante muito tempo foi garantia de preservação, pois, ninguém ousaria violar uma obra, seja ela qual for dentro desses espaços onde o novo, antigo, sagrado e profano compartilham o mesmo lugar.

Esses grandes sítios arqueológicos, que chamamos de cemitérios, mantém um elo direto entre o passado, presente e futuro revelando desta maneira um sentido de continuidade histórica. Problematizando este ambiente por meio de uma perspectiva museológica passa a ser posto em questão qual é a real função da necrópole no meio social. Se encontrando em estado de superlotação o Cemitério Municipal da cidade de Lagoa Seca se apresenta como um ambiente riquíssimo no

que diz respeito ao seu valor histórico cultural e arquitetônico se for levado em consideração o fato de que estar em estado de lotação está intimamente relacionado ao fato de estar abarrotado de histórias e memórias.

Para além de seu espaço restrito e delimitado por muros, cercas ou grades, o culto aos mortos e ritos de memória em torno da morte não se restringem unicamente aos limites da necrópole até porque esses ritos se expandem por todo o espaço urbano como um todo de tal forma que, os mesmos monumentos, ou similares, presentes no cemitério não só podem como se fazem existir na cidade de forma resignificada como assim se dá com o caso das cruzes, igrejinhas e capelinhas a beira das estradas. E o que são essas cruzes, capelas ou igrejinhas localizadas normalmente próximas a estradas?

Tradição popular predominante no Nordeste brasileiro, as cruzes e capelas a beira das estradas são espécies de monumentos fúnebres que ultrapassam o espaço delimitado da necrópole. Essas pequenas edificações ou simples cruzes marcam o lugar exato onde a morte se fez presente e determinado sujeito perdeu a vida de forma trágica, normalmente por meio de acidente ou assassinato. Ao longo das estradas nordestinas é extremamente comum que exista a presença desses monumentos as margens das estradas, algumas mais simples outras mais estruturadas e com riqueza de detalhes, entretanto, grandes ou pequenas, abandonadas ou preservadas e bem cuidadas todas tem uma características em comum que as mantém ligadas entre si que é o fato de que o lugar onde as mesmas se encontram está envolto em uma atmosfera de dor e tristeza além de estarem, em sua grande maioria, datadas com a data de nascimento e morte do falecido e nomeadas com o nome do mesmo.

Apesar de não abrigarem os restos mortais do finado, esses lugares são repletos de memórias trágicas e os ritos fúnebres de passagem realizados na necrópole são repetidos de forma total ou parcial nesses espaços onde oferendas são deixadas (velas, terços, rosários, grinaldas e flores), rezas são realizadas e pedrinhas<sup>9</sup> são deixadas.

Enquanto representação do tradicional culto aos mortos:

---

<sup>9</sup> Segundo a tradição popular nordestina, cada pedrinha deixada sob a cruz, telhado ou aos pés das mesmas, representa a passagem de um fiel que em gesto de misericórdia efetuou uma oração dedicada à alma do falecido ali lembrado.

“Os monumentos representativos da morte espalhados pelas estradas também demarcam novos territórios fúnebres, principalmente nas estradas do interior do Brasil, identificadas pela presença de cruzes, capelas ou ponto de oração enquanto uma manifestação coletiva do sujeito e sujeitos inseridos em um espaço que, por uma série de fatores, a naturalização de tais práticas mortuárias às margens de muitas estradas e rodovias federais integralizavam as maneiras de fazer o morrer e o morto, inventando o cotidiano da morte.” (ARAÚJO, 2017, p.20)

Para além de monumentos fúnebres e lugares de memórias de cunho individual e coletivo as cruzes e capelas a beira da estrada também estão presentes ao longo das estradas e rodovias de Lagoa Seca, BR 104, de tal forma que mais que meros símbolos representativos da morte, com base na quantidade dessas insígnias ao longo das estradas, é possível ter uma base da quantidade de vida ceifadas naquele trecho apontando assim o índice de periculosidade que circunda o lugar.

Assim como ocorre na necrópole essas estruturas construídas a beira das estradas também são consideradas pela população local enquanto solo sagrado de modo que em Lagoa Seca – PB, antes da área correspondente a zona urbana e nas proximidades da zona rural, se encontra uma cruz que em meio a tantas localizadas em seu entorno tem uma particularidade que a põe em posição de destaque e visibilidade maior pelo fato de que no lugar onde a mesma se encontra o sangue de um religioso, frei, foi derramado após um acidente trágico que o levou a óbito.

Usando como base depoimentos de cidadãos locais e os dados contidos na cruz, no dia 29 de abril de 1983 Frei Agdaberto passava de carro pela BR104, trecho que liga Campina Grande à Lagoa Seca, entretanto, antes do término de sua viagem e ainda estando nos limites de Lagoa Seca, o frei passa mal enquanto dirige provocando assim um grave acidente que o levou a óbito seja pelas gravidades de seus ferimentos após a colisão do carro ou após o mal súbito que lhe ocorreu naquele momento. Logo após a morte do Frei Agdaberto, foi posto no lugar onde ocorreu o acidente a beira da estrada uma cruz, este espaço de fácil acesso e aberto ao público se encontra bem conservado, preservado e com boa localização como podemos observar na figura a seguir.

**Figura 10** – Cruz a beira da estrada do Frei Agdaberto



**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

A cruz do frei Agdaberto (1937-1983) é visitada regularmente por populares locais e pessoas que se deslocam das cidades circo vizinhas para visitar o lugar onde o religioso perdeu a vida de forma tão abrupta. Nesse pequeno espaço as pessoas acendem velas, deixam flores, grinaldas e realizam orações chegando a realizar preces e pedidos em alguns casos.

Apesar de não contar com nem uma construção ou edificação, o que chama atenção nessa cruz a beira da estrada é o estado de conservação do espaço em seu entorno e onde a cruz se encontra. Como pode ser claramente notado na imagem o caminho que leva até a cruz foi calçado, limpo e bem cuidado dando a entender que alguém cuida para manter a preservação desse lugar e conseqüentemente a memória do frei Agdaberto que ali morreu no auge de seus 46 anos de idade.

### 3.3 Prefeitura Municipal: quando o moderno tenta sufocar o passado

Construída durante o mandato do prefeito Francisco Camilo de Oliveira, sua construção foi realizada com verbas do Fundo de Participação, ou seja, a mesma pode ser classificada como a primeira obra construída totalmente com recursos públicos. Este prédio não só teve sua inauguração marcada quase que simultaneamente com a chegada da iluminação pública na cidade que se deu no ano de 1966, mas também representa um importante símbolo do desenvolvimento de Lagoa Seca que deixa de ser um município totalmente dependente de Campina Grande – PB, para começar a andar com as próprias pernas rumo ao futuro.

Inaugurada oficialmente no ano de 1968, durante um grande evento que contou com a participação de centenas de populares locais, o prédio ainda se mantém de pé como pode ser constatado na figura 11, todavia, em péssimo estado de conservação.

**Figura 11** – Prefeitura de Lagoa Seca - PB



**Fonte:** Andreza Santana – 2019.

Em um presente onde o novo nasce sobre as ruínas do passado, tem – se a falsa impressão de que a sobrevivência de um depende do extermínio do outro e é justamente isso que acontece com o prédio da prefeitura que por falta de

manutenção para com sua estrutura física original a fachada original do prédio, sua porta de entrada, encontra-se em ruínas.

Por motivos estéticos e de segurança o prédio passa por reformas, todavia, o objetivo central é fazer com que o mesmo se modernize passando uma imagem de novo, moderna e melhor assim como se deu no prédio da Câmara Municipal cujas reformas foram tamanhas que a mesma ficou totalmente irreconhecível, a popularmente conhecida praça do morro que por “motivos de força maior” foi quase que totalmente demolida recentemente, 2019, para que no espaço ocupado pela mesma a rua fosse asfaltada para a anexação de uma estrada cujo objetivo seria desafogar o trânsito presente na rodovia central que corta a cidade. Por fim e não menos importante temos o caso da praça localizada em frete a Igreja Matriz que após passar por tantas “reformas” perdeu totalmente os traçados de sua arquitetura original.

Em uma cidade pequena em estado de desenvolvimento e hábitos rurais como se caracteriza Lagoa Seca, pensar o desenvolvimento urbano atrelado a medidas preservacionistas é algo quase que impossível. Pensar na existência de um presente onde insígnias de nosso passado se misturam com os traçados modernos parece algo improvável, contudo, é justamente isso que ocorre neste pequeno município e nas demais cidades onde platibandas originárias da Idade Média ainda ornamentam casas e edificações das mais simples as mais modernas e luxuosas possíveis, onde o culto aos mortos permanece vivo em uma sociedade quase que totalmente desacralizada e apesar de todo desenvolvimento tecnológico, científico e industrial o homem permanece até este momento dependente das novas e antigas técnicas agrícolas necessárias para o cultivo do campo e a produção do alimento necessário para sua sobrevivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos ao longo das pesquisas realizadas para o desenvolvimento e efetivação deste trabalho, ficou em estado de evidência o quão preocupante são as condições dos monumentos e patrimônios históricos inseridos dentro do ambiente urbano de tal maneira que, nas cidades pequenas localizadas no interior, como é o caso de Lagoa Seca – PB, a situação torna-se bem mais preocupante ao ponto que, os monumentos e lugares de memória para além de não serem preservados ou respeitados da forma devida chegam a serem destruídos totalmente ou de forma parcial como assim se deu na popularmente conhecida Praça do Morro, localizada em bairro central do município de Lagoa Seca.

Outro problema detectado está relacionado à falta de valorização do passado e supervalorização de tudo que estiver relacionado ao moderno, como consequência desse fato a contemporaneidade está marcada pela perda de identidade dos indivíduos que centrados no hoje e amanhã esquecem completamente de seu passado e conseqüentemente de suas origens.

Ao problematizar a cidade enquanto museu a mesma se revela uma viável fonte histórica para a realização de futuros estudos e pesquisas de cunho historiográfico, antropológico e sociológico. A cidade além de reprodutora contínua de história, ela pode ser equiparada a um grande arquivo de memórias. Sabendo disto porque não pensar o real valor e significado da cidade que para além do habitat natural do homem também tem todos os pré-requisitos necessários para ser compreendida enquanto um verdadeiro sítio arqueológico repleto de riquezas e em constante estado de mutação e ressignificação diária.

Considerando todos os argumentos e dados que dão suporte a esta pesquisa, concluo este trabalho mostrando a relevância do estudo das cidades enquanto museus, tanto para o meio historiográfico quando leigo, que por meio de pesquisa desta natureza entrariam em um processo de valorização dos estudos patrimoniais e artístico de todos os ambientes urbanos do território nacional. Os trabalhos e pesquisas direcionadas a área patrimonial, preservacionista e memorialística não só passariam a ter toda a cidade enquanto campo sujeito a pesquisas de cunho exploratórias e de análise como também receberiam a visibilidade necessária para uma maior eficácia no que diz respeito a sua atuação no meio social.

Dentro do ambiente escolar essa linha de pesquisa voltada para o viés patrimonial e preservacionista possibilita a classe alunada perceber o espaço a sua volta enquanto parte significativa de sua história, a cidade deixa de ser entendida enquanto um simples local de habitação e passa a ser compreendida enquanto lugar de memória e história assim como problematiza Pesavento (2008, p.8) ao afirmar que “Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais”.

Visando a construção da identidade individual e coletiva que na contemporaneidade vem passando por um processo de esfacelamento, o estudo da história local, que se faz presente ao longo deste trabalho através do estudo da cidade de Lagoa Seca – PB enquanto museu a céu aberto possibilita um novo despertar nos estudos e percepções sobre cidade, tornando possível um trabalho mais aprofundado no que diz respeito ao estudo das cidades e suas singularidades.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

AMARAL, Patricia do. **Degradação ambiental em face da urbanização: Educação ambiental a serviço da conservação do Arroio Funil / Parobé, RS**. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS), Brasil, 2011.

ARAÚJO, Olindiana Ticiane Sousa de. **Às margens da estrada, de paus e pedras há cruzeiros e capelas: Olhares sobre a morte e o morrer em Nova Palmares – PB. (1981 – 2002)**. [Manuscrito] / Olindiana Ticiane Sousa de Araújo – 2017.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ART Déco. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo352/art-deco>>. Acesso em: 10 de Nov. 2019.

BAPTISTA, M. T. D. S. (2002) **O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia**. Memorandum, 2, 31-38. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/baptista01.htm>>. Acesso em: 02 de outubro de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERGER, P. & Luckmann, Th. (1983). **A construção social da realidade**. 5 ed. (F. de S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes.

BITTENCOURT, J. N. **Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento**. In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 28, p. 8-19, 1996.

BOURDIEU, P. **Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris: Minuit, 1965.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 22.928 de 12 de junho de 1933**. Erige a cidade de Ouro Preto em monumento nacional. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, DF, jul. 1933.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARNEIRO, Maristela. **A potência do homem e o amor metafísico: O Último Adeus**. Domínios da Imagem, Londrina, v. 12, n. 22, p. 47-67, jan./jun. 2018.

COMUNALE, Viviane. **A redescoberta da arte de Alfredo Oliani: Sacra e Tumular**. 2015. 259 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126621>>. Acesso em: 10 de Nov. 2019.

COMUNALE, Viviane. **A utilização das imagens sagradas e profanas dentro dos cemitérios**. XXVIII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal –RN. 2013.

COSTA, Luciana de Castro Neves. SERRES, Juliane Conceição Primon. **Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na construção do patrimônio brasileiro**. São Paulo, Unesp, v. 12, n.1, p. 158-178, janeiro-junho, 2016.

**Cronologia do Pensamento Urbano**. Disponível em: <<http://www.cronologiadourbanism.o.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1655&idBiografia=153>> Acesso: 27 de agosto de 2019.

DECORFÁCIL. **Arquitetura Moderna: o que é, origens, características e obras**. Publicado em 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <<http://www.decorfacil.com/arquitetura-moderna/>>. Acesso em 27 de agosto de 2019.

DIAS, Pollyanna D'Avila.C. **O século XIX e o Neogótico na Arquitetura Brasileira: um estudo de caracterização**. Revista Onhun, ano 4, n.4, p.100-115, dez.2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1979.

FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. (org.) 6 ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Part. Laurent Leon Schaffer. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

IPHAN. **Política de Patrimônio Cultural Material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1837>>. Acesso: 05 de setembro de 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **PORTARIA Nº 375**, de 19 de setembro de 2018. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/PORTARIA%20375%20%202018%20-SEI\\_IPHAN%20-%200732090.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/PORTARIA%20375%20%202018%20-SEI_IPHAN%20-%200732090.pdf)>. Acesso: 05 de setembro de 2019.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **OS RITUAIS DO TOMBAMENTO E A ESCRITA DA HISTÓRIA BENS TOMBADOS NO PARANÁ ENTRE 1938-1990**. Orientadora: Profa Dra Ana Maria de Oliveira Burmerster. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1998.

LE GOFF, Jacques, 1924- **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] – 2, ed. – Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1992.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_ **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LIMA, Tânia de Andrade. **Dos morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX** (estudos de identidade e mobilidade urbana). Anais do Museu Paulista, São Paulo, São Paulo, v.2, p.87-150, Jan./dez. , 1994.

MELO, Fernanda Marques de. **Metamorfização do espaço urbano do bairro olho d'água do Bujari, pós-falência canavieira em Alagoa Nova – PB**. [Manuscrito]: / Fernanda Marques de Melo. – 2011.

MENESES, U. B. **A psicologia social do campo do patrimônio material**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 4, p. 283-290, jan/dez. 1996.

MORCELLI, Danilo de Costa. **A memória da cidade de São Paulo: ensaios periféricos, palimpsesto e tabula rasa**. Revista Confluências culturais – ISSN 2316 – 395 X. V.4 / n.1, março de 2015.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** Trad. Yara Aynkhoury. Prof. História. São Paulo. (10). Dez. 1993.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. **MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E ARTE: a visibilidade dos acervos de museus de arte contemporânea brasileira (1965-2005).** Projeto História nº 40, junho de 2010.

PATRIOTA, Rosangela. RAMOS, Alcides Freire. **História Cultural: narrativas e pluralidade/** organização Rosangela Patriota, Alcides Freire Ramos.-1. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PEREIRA, D. C. **Cidades patrimônio: uma geografia das políticas públicas de preservação do patrimônio no Brasil.** (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PESAVENTO, S. J. . **História, Memória e Centralidade urbana.** Nuevo Mundo. Mundos Nuevos, v.7, 2007.

PETRUSKI, Maura Regina. **A cidade dos mortos no mundo dos vivos- os cemitérios.** Revista de História Regional 11 (2): 93-108, inverno, 2006.

JANET, P. (1889). **L'automatisme psychologique. Essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine.** Paris: Félix Alcan (Reimpresso pela Sociéte Pierre Janet, Paris, 1973)

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p.200-212, 1992.

POULOT, Dominique. **Museu, nação, acervo.** In: BITTENCOURT, José Neves et. all. História representada: o dilema dos museus. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2003, p.35.

SANTOS, Helena Mendes dos. TALLES, Márcio Ferreira de Pragmácio. **Livro do Tombo.**

Disponível: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livros%20do%20Tombo%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf>>. Acesso: 05 de setembro de 2019.

SANTOS, José Roberto Morais dos. **O Colégio Seráfico de Santo Antônio e SUS práticas escolares (1941 – 1971)** / José Roberto Morais dos Santos. – João Pessoa, 2017.

SANT'ANNA, M. **Da cidade-monumento à cidade-documento: a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937-1990)**. 1995. 283f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

SANTOS, Elisângela Jerônimo dos, **Tarimba: Aspectos Históricos e culturais de Lagoa Seca (1929-1969)**. - - Bauru, SP: Canal 6, 2007.

TOLEDO, B. L. **São Paulo: Três cidades em um século**. 2. ed. São Paulo, Duas Cidades, 1983.

TORRÃO FILHO, A. . **A Sétima Porta da Cidade: Memória, Esquecimento e Ressentimento na História de São Paulo**. História & Perspectivas, Uberlândia, (31): 127-151, jul./ Dez. 2004.

VIEIRA, Guilherme Lopes. **O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica**. Mosaico – Volume 8 – Número 12 – 2017.